

NA VIRADA DO SÉCULO, ORG. CLAUDIO DANIEL E FREDERICO BARBOSA

**DANIEL, Cláudio e
BARBOSA, Frederico.
*Na virada do século.
poesia de invenção no
Brasil. São Paulo:
Landy, 2002.***

Prefácio de Cláudio Daniel

por Yara Fortuna*



* Mestranda em Literatura Brasileira na Universidade de Brasília (UnB)

Publicada ao final do ano de 2002, a antologia poética *Na virada do século – poesia de invenção no Brasil* reúne 46 poetas e 234 poemas ao todo, num bem cuidado volume de capa dourada com 348 páginas, editado pela Landy. O livro faz parte de projeto iniciado pelo escritor Frederico Barbosa, e, devendo ser o último de uma trilogia, teve sua publicação adiantada em função do encontro com o poeta Carlos Daniel, que naquele momento tentava organizar uma antologia da produção poética dos anos 90. O primeiro exemplar da trilogia abrangia a poesia brasileira anterior ao Modernismo, de Anchieta a Augusto dos Anjos, enquanto o segundo pretendia apresentar a produção do século XX, do Modernismo aos poetas de 70.

O presente volume mostra-se então como uma espécie de fecho de um ciclo de publicações que oferecem uma mostra panorâmica da produção poética brasileira ao longo de sua existência. Esta resenha tem o intuito de prestar ao leitor da *Cerrados* um serviço, situando-o no contexto do que há de mais significativo em nossa poesia contemporânea. Fazendo eco às palavras do organizador Frederico Barbosa, visa a “apresentar uma boa parcela do que se faz hoje, em termos de invenção poética”, no Brasil.

No prefácio de Claudio Daniel, lê-se: “Escrever na zona de sombra, no espaço à margem, desvio ou desvão é a demanda dos poetas brasileiros na entrada do terceiro milênio, em busca de uma escritura renovada”. A definição um tanto metafórica do organizador (ele próprio parte da antologia) sobre a poesia brasileira atual prossegue nas páginas seguintes. Referindo-se à produção dos anos 80 e 90 como a “descida de Orfeu aos infernos”, destaca como características comuns aos autores selecionados: a reflexão sobre os processos da linguagem; a releitura dos “obscuros” e “herméticos”; a forma que privilegia a desarticulação sintática e a renovação léxica (pós-concretismo); a retomada do diálogo com o modernismo brasileiro em seus momentos de maior tensão e radicalidade (com Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto, em especial); a assimilação de algumas contribuições da Poesia Concreta, da Tropicália e do legado das poéticas de vanguarda dos anos 70.

Em exame lúcido, o prefaciador deixa claro que, a despeito dos traços comuns, não se pode falar em movimento, devido à inexistência de manifestos, defesa de mesmas teses normativas ou ensaios teóricos. Desenvolve, no entanto, o conceito de *simcronicidade*: “os poetas da nova

geração, em especial nos grandes centros urbanos, muitas vezes sem terem contato uns com os outros, obtiveram resultados similares pela coincidência de leituras e pesquisas formais". Ao comentar as características pinçadas da poética de cada autor, vai alinhavando seus conteúdos, situando-os no caudal multifacetado e profuso da pós-modernidade:

A desarticulação sintática e a mestiçagem semântica que verificamos nesses autores sugerem uma relação especular ou icônica com o tempo ruidoso, inquieto e fragmentário em que vivemos. O império do pós-moderno, que vaticinou o fim da história e o eclipse das utopias, sob a hegemonia do capitalismo predatório neoliberal, só poderia mesmo conduzir a dois caminhos opostos: o da negação da idéia de vanguarda e o da (re) afirmação dos conceitos de invenção e pesquisa estética (...) Temos aqui uma pluralidade de linhas experimentais, firmadas no solo da *agoridade*, sem proclamar dogmas e heresias, sem convocar inquisições e cruzadas para a reconquista do Santo Sepulcro.

Como princípio norteador dos poetas atuais, ressalta ainda a noção do poema como um elaborado processo de linguagem, somada à "investigação de novos repertórios simbólicos e culturais do Ocidente e do Oriente, da escritura e de outros códigos de expressão, de um passado remoto ou da atualidade – como *resistência*". Esse diálogo com outras culturas, porém, nada tem de ingênuo, e sim de aberto e crítico. Aliado à apropriação transfiguradora e miscigenada de formas, configura a hibridização predominante na pós-modernidade.

Os poetas contemporâneos mantêm, segundo o autor, um diálogo vivo e harmônico com o cânone, desejando "recuperar o que houve

de instigante, inquieto e desafiador nas vozes mais densas de nossa poesia". Assim, faz-se a retomada dos processos modernistas e de vanguarda em dicções próprias e peculiares, de maneira renovada e arejada, sem nostalgia utópica, com um saudosismo futurista que vislumbra uma realidade em construção.

Por fim, conclui que os novos navegantes do oceano poético, por hora, cumprem o destino profetizado por Octavio Paz, a conduzir "revoluções solitárias". Num moto-contínuo infinito e heraclitiano, observa que a poíesis parece nos dizer que tudo está em constante processo de mutação, num eterno vir-a-ser. E lega a Cronos a tarefa de julgar os argonautas *hodiernos*: "Só nos resta aguardar o que o tempo dirá de suas pequenas epopéias".